

Mobilidades no tempo presente: a partir da perspectiva de gênero

Carolina do Amarante¹

Embora haja uma significativa produção acadêmica, poucos são os estudos que se têm centrado nas mobilidades urbanas com foco na História do Tempo Presente, muito menos na perspectiva das relações de gênero. De um modo geral, os/as pesquisadores/as de diferentes áreas buscam elucidar as variadas crises migratórias, ao redor do globo, seus impactos sociais e econômicos e as mudanças institucionais que mobilizaram os Estados. O presente estudo tem por eixo a dimensão das mobilidades pelo viés do gênero, a partir das mulheres, através das experiências por elas vividas, buscando investigar, entre outros, como, em deslocamentos, essas reforçam e ressignificam suas identidades, reproduzindo em trânsito dinâmicas sociais espaciais e culturais nas sociedades de acolhimento.

A categoria de gênero, neste livro, propõe-se descrever as desigualdades às quais as mulheres migrantes são submetidas, tanto nas sociedades de origem quanto nos contextos de acolhimento. Assim, gênero, como categoria de análise científica, aparece marcando as trajetórias das mulheres migrantes, demonstrando estratégias migratórias e a construção

¹ Doutoranda em História pelo Programa de Pós Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH da UDESC). Este texto foi produzido com financiamento da PROMOPE/SC.

MOBILIDADES NO TEMPO PRESENTE: A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO
AMARANTE, C. DO.

de redes sociais e modos de inserção no mercado de trabalho.

A obra foi organizada por pesquisadoras feministas - Gláucia de Oliveira Assis^{II}, Beatriz Padilha^{III} e Thais França^{IV}. Tema de investigação são migrações internacionais, desigualdades e relações de gênero. Através de seus estudos, as autoras buscam apontar o gênero na perspectiva epistêmica através de uma base decolonial e pós-colonial como uma categoria que atravessa os movimentos migratórios em contextos de deslocamentos Sul-Norte e Sul.

O livro "Gênero e Mobilidades no Tempo Presente", publicado em 2020, apresenta este olhar sobre a feminização das migrações internacionais. Logo, sua importância está em tratar o tema da feminização das migrações neste século XXI, com base na visibilidade das mulheres nos processos migratórios. Analisar a presença de mulheres nas migrações permite a construção da visibilidade social, caminho para a desconstrução de estigmas, discriminações e preconceitos.

A obra conta com um texto introdutório das próprias organizadoras e em 11 artigos escritos por 15 pesquisadores e pesquisadoras, divididos em três eixos, tratando de especificidades, limites e potencialidades da temática na perspectiva da História do Tempo Presente. As organizadoras propõem, na introdução, uma série de questões que suscitaram a iniciativa que resultou no livro, constituindo, a maioria, problemas já conhecidos de pesquisadores e pesquisadoras da área, como a questão central - a categoria de gênero -, analisada como um princípio classificatório que atravessa o movimento migratório e a vivência de mulheres e homens.

MOBILIDADES NO TEMPO PRESENTE: A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO
AMARANTE, C. DO.

A obra é estruturada a partir de três eixos. O primeiro – “Gênero, sexualização e preconceitos” – contém quatro capítulos, que discutem como, no processo de feminização das migrações, as representações sociais de sensualidade e racialização das mulheres migrantes se relacionam, muitas vezes, aos estigmas da prostituição e da discriminação. As autoras mostram como as mulheres migrantes negociam com essas representações sociais, buscando acabar com esses estereótipos e construir novas visões. O primeiro desses capítulos, intitulado “Tecendo experiências migratórias: brasileiras em Portugal – entre o preconceito e a sexualização”, de Thais França e Beatriz Padilha, analisa a presença de mulheres brasileiras imigrantes em Portugal, processo que se iniciou nos anos 1990, apresentando a existência de um imaginário social que vê a mulher brasileira como um corpo sexualizado, exótico e subalterno.

O texto se conecta com o capítulo seguinte – “Sentidos de italianidades: entre Brasil e a Itália, narrativas de mulheres emigrantes no início de século XXI”, de autoria de Gláucia de Oliveira Assis. A autora analisa as narrativas de mulheres emigrantes ítalo-brasileiras que partiram de regiões de colonização italiana no Sul do Brasil rumo à Europa. As experiências de reencontro dessas mulheres com a Itália imaginada e narrada por seus *nonos* evidenciam uma negociação das italianidades, pois se descobrem italianas de direito, mas não de fato, e vivenciam processos de reconstrução de suas identificações, não apenas com a Itália e com o Brasil, mas também com suas identidades familiares e de gênero. Essa percepção volta a ser confirmada nos dois artigos seguintes, que

MOBILIDADES NO TEMPO PRESENTE: A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO
AMARANTE, C. DO.

encerram essa parte da obra, “Fora de casa. Notas de pesquisa e reflexividade”, de Mara Clemente^v, que desenvolve uma importante reflexão sobre a subjetividade no contexto da pesquisa sobre a questão das imigrantes mulheres e sua inserção no mercado do sexo.

O capítulo “Mujeres de la frontera: aproximación al comercio fronterizo desde una perspectiva de género”, de autoria de María Dolores Linares^{vi}, analisa a prática comercial feminina de paraguaias “paseras” na zona de fronteira argentino-paraguaia de Posadas (Misiones, Argentina) e Encarnación (Itapúa, República do Paraguai), a fim de analisar a autoconstrução de identidade na perspectiva dos estudos de gênero.

O segundo eixo, “Mulheres, associativismo e redes”, aborda a circulação de mulheres nos trânsitos contemporâneos, seja nos processos de migrações internacionais, seja nas lutas sociais, que se articulam em práticas associativas e se mobilizam a partir das redes sociais que buscam evidenciar essas trajetórias e processos de luta das migrantes mulheres. O primeiro desses artigos, intitulado “Redes migratorias y estrategias de género entre mujeres ecuatorianas residentes en Sevilla”, de Francisco José Cuberos Gallardo^{vii} e Emma Martín Díaz^{viii}, aborda, a partir de pesquisa etnográfica, as experiências de imigrantes equatorianas em Sevilha, que foi potencializada a partir da construção de redes transnacionais, caracterizadas por uma acentuada tendência à feminização. O texto se relaciona com os dois artigos seguintes – “Trajetórias de vida de mulheres migrantes e a luta por moradia: a Ocupação Contestado (2012-2015)”, de Francisco Canella^{ix}, que analisa trajetórias de mulheres que participaram

MOBILIDADES NO TEMPO PRESENTE: A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO
AMARANTE, C. DO.

de movimentos de ocupação urbana, entre os anos de 1990 e 1992, em Florianópolis (Santa Catarina – Brasil). Com relação às mulheres, tal como nas comunidades surgidas das lutas do passado, nas novas ocupações verifica-se a força da participação feminina, tanto nas lideranças quanto no trabalho cotidiano de organização comunitária, tratando-se, em sua maioria, de mulheres migrantes. No terceiro artigo desse eixo – “Emprendimientos comerciales de mujeres bolivianas en Comodoro Rivadavia (Patagonia Argentina): El papel de los recursos étnicos y las estrategias territoriales”, de Myriam Susana González^x, a autora aborda as trajetórias das trabalhadoras autônomas migrantes latino-americanas em Comodoro Rivadavia, na Argentina. A interpretação dessas histórias possibilita a reconstrução de redes sociais e revela as estratégias de inserção das mulheres latino-americanas na sociedade de acolhimento.

Já no terceiro eixo – “Trânsitos: família, gênero e raça” – discute-se a interseccionalidade, apresentada nos capítulos desse eixo que buscam cruzar campos de estudo, demonstrando como os processos migratórios foram marcados por situações que interseccionam gênero, raça e classe social, interferindo nas trajetórias de homens e mulheres migrantes em seus processos de inserção nas sociedades de acolhimento. O primeiro deles, intitulado “Políticas públicas y desigualdad(es) en mujeres migrantes: ¿Qué aporta la interseccionalidad? Análisis y reflexiones desde el contexto portugués”, de Beatriz Padilha e Uxue Zugaza Goienetxea^{xi}, analisa as políticas públicas implementadas em Portugal para combater as desigualdades (gênero, classe e raça) que marcam as mulheres que

MOBILIDADES NO TEMPO PRESENTE: A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO
AMARANTE, C. DO.

imigram para aquele país.

O texto se conecta com o capítulo seguinte – “Narrativas entre fronteiras: experiências de mulheres criciumenses nos Estados Unidos”, de Emérson César de Campos^{xii} e Michele Gonçalves^{xiii}, que propõem refletir sobre os fluxos migratórios estabelecidos entre a cidade de Criciúma (localizada no sul catarinense) e os Estados Unidos e a complexa fluidez dessas dinâmicas, que entrelaçam homens, mulheres, crianças e suas redes. O seguinte capítulo – “Los alemanes-brasileños como migrantes transnacionales: sus pautas matrimoniales, fiestas familiares y lengua materna”, de María Cecilia Gallero^{xiv}, analisa a migração germano-brasileira através de padrões de casamento, festas familiares e a manutenção da língua materna. Finalmente, o capítulo “Comer e lembrar: memórias afetivas sobre lar e pertencimento de brasileiros em Londres”, de Maria das Graças S. L. Brightwell^{xv}, analisa o papel da comida na formação de identidades diaspóricas entre brasileiros em Londres. Examina-se a verbalização de lembranças provocadas pela comida e o que expressam acerca dos sentidos de si e do outro, “daqui” e “de lá”.

Chama a atenção a possibilidade de o livro oferecer uma leitura muito importante para se compreender a própria noção de tempo presente, as investigações e análises mais detalhadas e minuciosas sobre a categoria de gênero nas mobilidades no tempo presente de mulheres migrantes. Os artigos são divididos por temática, pode-se perceber, não se fez uma análise mais aprofundada a partir dos olhares das teóricas feministas tradicionalmente reconhecidas na academia. Dessa forma, a

MOBILIDADES NO TEMPO PRESENTE: A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO
AMARANTE, C. DO.

obra procurou dialogar com outras vozes e perspectivas com olhar decolonial e pós-colonial que permitiram contextualizar, de forma crítica, as diversidades culturais para além do paradigma eurocêntrico.

O estudo de Gênero e Mobilidades no Tempo Presente é fundamental para a compreensão das interações entre identidades de gênero e formas de deslocamento, permitindo analisar como estas influenciam as experiências de mobilidade e são por elas influenciadas. Tal abordagem possibilita uma melhor compreensão das desigualdades de gênero presentes nesses contextos, bem como das lutas por equidade. Além disso, a aplicação da teoria da História do Tempo Presente nos convida a investigar não apenas os fenômenos atuais, mas também suas raízes e implicações, promovendo uma análise mais crítica e contextualizada das relações entre gênero e mobilidades na contemporaneidade.

Notas

ⁱⁱ Antropóloga, doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2004); mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (1995) e graduada em Ciências Sociais pela Universidade Vale do Rio Doce (1987). Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Coordena o Observatório das Migrações de Santa Catarina, articulado ao Observatório das Migrações de São Paulo.

ⁱⁱⁱ Socióloga, diretora do Instituto de Estudos sobre a América Latina e as Caraíbas e professora no Departamento de Sociologia na Universidade do Sul da Florida, nos Estados Unidos. Investigadora no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (Cies-Iscte). Doutora e mestre em Sociologia pela Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign, com concentração em Perspectivas Globais de Gênero. Possui também mestrado em Políticas Públicas pela Universidade de Texas, Austin, nos Estados Unidos, e licenciatura em Ciências Políticas e Administração Pública pela

MOBILIDADES NO TEMPO PRESENTE: A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO
AMARANTE, C. DO.

Universidade Nacional de Cuyo, na Argentina.

^{IV} Investigadora integrada do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa e professora auxiliar convidada do mestrado em Ciências do Trabalho e das relações laborais da mesma instituição. Possui doutorado em Sociologia pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

^V Investigadora integrada ao Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa (Cies- Iscte) – e pesquisadora associada do Observatório da Emigração (OEm), da mesma instituição. Doutoranda na Sapienza, Universidade de Roma.

^{VI} Doutora em Geografia (École des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS-Paris) e doutora em Ciências Sociais (Universidad de Buenos Aires, UBA).

^{VII} Doutor em Antropologia Social. Trabalha, atualmente, como professor e investigador no Departamento de Antropologia Social da Universidade de Sevilha.

^{VIII} Professora e investigadora em Antropologia Social na Universidade de Sevilha.

^{IX} Professor efetivo da Universidade do Estado de Santa Catarina, onde desenvolve, junto ao Laboratório de Estudos de Gênero e Família (Labgef), projetos de extensão em comunidades de periferia urbana e realiza pesquisas sobre movimentos sociais urbanos, juventude e grupos populares urbanos.

^X Doutora em Geografia (Universidade Nacional de Cuyo, Argentina) e professora em Geografia.

^{XI} Pesquisadora no Departamento de Ciências Políticas e Gestão Pública da Universidade do País Basco, com uma investigação que analisa a institucionalização da interseccionalidade na políticas de igualdade na Espanha.

^{XII} Historiador. Professor Titular da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).

^{XIII} Historiadora. Professora e coordenadora do Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

^{XIV} Historiadora. Pesquisadora adjunta do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (Conicet), no Instituto de Estudos Sociais e Humanos (IESyH – Universidad Nacional de Misiones).

^{XV} *In memoriam*. Geógrafa e Historiadora. Colaborou no Observatório das Migrações em Santa Catarina, vinculado à Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).

Referência

ASSIS, Gláucia de Oliveira; PADILLA, Beatriz e FRANÇA, Thais (Org.). **Gênero e Mobilidades no Tempo Presente**. Ponta Grossa: Todapalavra Editora, 2020, 332p.